ANÁLISE DA RELAÇÃO LEITURA/PRODUÇÃO TEXTUAL NAS SÉRIES INICIAIS

ANA MARIA DE MATTOS GUIMARÃES

Mestre em Língua Portuguesa *

ANA MARIZA RIBEIRO FILIPOUSKI

Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa *

Este trabalho tem sua origem na pesquisa intitulada: "Material instrucional e produção textual nas séries iniciais: análise e proposta metodológica", desenvolvida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com apoio do CNPq, e que se propõe a analisar a produção textual das crianças como forma de repercussão dos métodos de ensino utilizados e como parâmetro para a proposição de materiais instrucionais. O *corpus* desta pesquisa foi coletado em escolas de 1º grau da Primeira Delegacia de Ensino da Secretaria da Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, em 1984.

A relação leitura/produção textual existe nas séries iniciais?

A maioria dos 59 professores informantes de nossa pesquisa afirma que sim (Tabela 1) e aponta como causa mais comum dessa relação a utilização do texto como pretexto, tema da composição, pretendendo, muitas vezes, que os alunos "reproduzam" o texto lido, que tanto pode ser uma narrativa ficcional, como informação de Estudos Sociais ou Ciências.

O texto produzido pelos alunos, entretanto, mostra os reflexos dessa relação de forma diversa (Tabela 2). Trata-se de um texto (se é que pode ser assim chamado) principalmente descritivo (Tabela 3). Nosso 'corpus' de 297 redações de 3ª série, por exemplo, apresentou apenas 77 narrações, das quais poucas eram de livre elaboração do aluno (33,8%); a maior parte consistia na reprodução de histórias (66,2%). Houve ainda a presença significativa (15,1%) de redações que classificamos como sem identificação, por não apresentarem o desenvolvimento do tema proposto (embora, por vezes, tivessem uma introdução e até conclusão) ou por não terem unidade temática pela impossibilidade de concatenar idéias.

Foi possível, a partir do levantamento realizado, apontar marcas do que constitui o "discurso escolar":

- é predominantemente descritivo e, portanto, linear;
- não propõe ou apresenta conflito;
- não constitui o ponto convergente do ensino;
- liga-se a um nível de leitura não-interpretativo.

*Professora Adjunta, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Pode-se supor que a escola treina e desenvolve uma *leitura automática*, preocupada com correção, clareza e postura, sem levar em conta níveis de compreensão. O tempo, o espaço e o sujeito são destacados, mas a ação, o conflito e até mesmo o fato não são considerados. Esta postura não reflexiva consolida-se pela ideologia vigente que ainda não admite questionamento ao sistema. É cômodo, pois, para a escola treinar a prática de leitura oral ou silenciosa pela própria automatização, sem encaminhar a reflexões posteriores. O produto desse tipo de ensino aparece bem claramente nas composições consideradas *sem identificação*.

Nos casos em que o objetivo da leitura é a *compreensão imediata do texto* (que é bastante reforçada pelos exercícios que seguem o texto no livro didático), dá-se ênfase ao tempo, ao espaço, ao sujeito e ao fato. Esta leitura compreensiva, que ainda é linear, pois pressupõe uma única compreensão dos fatos expostos pelo texto, leva à ligação com a *descrição*. Está nessa relação, segundo nosso ponto de vista, a explicação para o número considerável de descrições encontradas no 'corpus'.

Corroborar essa justificativa a faixa etária da criança, ligada à concretude, ao seu mundo referencial. Só que tal mundo é apresentado sob um ponto de vista impessoal (sem marcas do sujeito autor, sem marcas de conflito), parecendo que o aluno quer apenas dar conta da tarefa que lhe é imposta pela escola e, sobretudo, esconder para seu único leitor, o professor, da maneira como imagina que este aprobe.

Sabe-se que a *narração* exige um posicionamento de seu autor. Embora também se ligue ao mundo referencial da criança, nela a concretude se mistura com a abstração, na medida em que aparecem os pontos ficcionais. Não será nunca linear, pela simples presença do conflito, objetivo da narrativa. Ocorre ainda a necessidade de uma sequenciação lógica dos acontecimentos para que seu entendimento seja possível.

Ora, a escola, por seu próprio posicionamento ideológico, evita o conflito e consegue transmitir isto ao aluno.

A leitura que leva à produção do texto narrativo é inevitavelmente *interpretativa* e, como tal, é aberta, admite mais de uma interpretação para um mesmo texto. E esse texto deve privilegiar o conflito, ao lado do tempo, do espaço, do personagem, dos fatos. Há necessidade de ordenar, enumerar, classificar as idéias nele presentes, ou seja, é preciso que se analise o texto. Por mais rudimentar que seja, essa análise permite vislumbrar a logicidade das idéias expostas e certamente seu exame crítico, possibilitando sua extrapolação. É essa extrapolação que, a nosso ver, permite a produção do texto do aluno.

Entretanto, o texto escolar, cuja fonte principal é o livro didático, embora possa, por vezes, fazer parte de uma narrativa, é, geralmente, adaptação ou recorte de um todo maior, que fica assim desfigurado. Examinados os textos em uso pelos informantes, verificou-se que a adaptação ou corte eliminavam geralmente o conflito. Então até o texto que se propunha narrativo na origem é apresentado linearmente.

Nesse mesmo sentido, procede a informação dos professores entrevistados, que apontam:

a) predominância do nível de automatização como objetivo de leitura (1a. série — 42,1%; 2a. série — 76% e 3a. série — 47,4%);

b) predominância do nível correção como objetivo com relação à expressão escrita (47,4%; 86% e 63,2% respectivamente), evidência da preocupação com a forma e não com o conteúdo;

c) quase ausência do nível criatividade como objetivo da expressão escrita (5,3%; 4,5% e 5,3%);

d) preferência por temas propostos por eles mesmos, sem a participação coletiva dos alunos (52,6%; 71,4% e 78,9%);

e) principal proposição de leitura constituída por textos de livros didáticos (68,4%; 61,9%; e 84,2%).

Fecha-se, pois, o círculo vicioso do ensino de língua materna: leitura não interpretativa/reflexiva — produção de texto sem marcas de conflito.

Para romper esse círculo é necessário que se rompa o pacto de mediocridade reinante na escola de hoje. Nossa proposição é pela centralização do ensino na produção textual do aluno, tendo como suporte uma produção de leitura em nível interpretativo/reflexivo que permita a extrapolação necessária para que o sujeito-leitor se transforme em sujeito-autor.

Propomos que o tema dos textos a serem lidos parta do consenso entre alunos e professor, o que permitirá o atendimento às expectativas da criança e garantirá a ligação com seu mundo referencial.

Um trabalho oral eficiente precederá o escrito. Amplia-se o conceito de texto, para que nele sejam aceitos não só o escrito, como o oral e o não-verbal, com suas linguagens próprias. Apontam-se e esclarecem-se, à medida da compreensão da criança, as diferenças entre o oral e o escrito, para que não se reproduzam no escrito as marcas de oralidade que hoje perpassam o texto escolar (INDURKY & GUIMARÃES, 1984).

O ponto de partida será a produção de textos livres. Só a partir da necessidade de expressão sistematizada sentida pelos alunos é que serão introduzidos o diálogo e a narrativa estruturada, constituindo-se a descrição a serviço da narração.

TABELA 1
 RELAÇÃO LEITURA/PRODUÇÃO TEXTUAL

	1a.s	2a.s	3a.s
Presença	57,9%	76,2%	68,4%
Ausência	5,6%	14,3%	15,8%
Não responderam	36,5%	9,5%	15,8%

TABELA 2

A PRODUÇÃO TEXTUAL DOS ALUNOS DA 3a. SÉRIE

Proposição efetuada	Encaminhamento provável	Discurso Resultante
Minhas férias (título dado)	Narração/Descrição	Descrição — 81%
Um dia inesquecível	Narração	Descrição — 53%
Festas juninas	Narração/Descrição	Descrição — 62,5%
Meu pai	Descrição	Descrição — 81,8%
O piquenique (seqüência de gravuras)	Narração	Descrição — 87,5%
O cachorro (roteiro dado)	Descrição	Descrição — 88,5%
Meios de comunicação	Descrição	Descrição — 50%
Reprodução de história	Narração	Narração — 74,6%
O livro que eu li	Narração	Descrição — 41,2%
Livre	Narração	Descrição - 65,1%
Carta/Bilhete	Correspondência	Correspondência — 100%

TABELA 3

3a. SÉRIE: TIPO DE PRODUÇÃO TEXTUAL

CORPUS — 297 redações			
NARRATIVAS	Livres — 26		
	Reprodução — 51		
	Total — 77		25,9%
DESCRIÇÕES — 146	— 49,1%		
SEM IDENTIFICAÇÃO — 45	— 15,1%		

Endereço para correspondência:

Instituto de Letras da UFRGS
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas,
Av. Bento Gonçalves, 9500 — 90150
Porto Alegre, RS - Brasil